

# Carlos Drummond de Andrade – Tarde de maio

Como esses primitivos que carregam por toda parte o maxilar inferior de seus mortos,  
assim te levo comigo, tarde de maio,  
quando, ao rubor dos incêndios que consumiam a terra,  
outra chama, não perceptível, e tão mais devastadora,  
surdamente lavrava sob meus traços cômicos,  
e uma a uma, disjecta membra, deixava ainda palpitantes  
e condenadas, no solo ardente, porções de minh'alma  
nunca antes nem nunca mais aferidas em sua nobreza  
sem fruto.

Mas os primitivos imploram à relíquia saúde e chuva,  
colheita, fim do inimigo, não sei que portentos.  
Eu nada te peço a ti, tarde de maio,  
senão que continues, no tempo e fora dele, irreversível,  
sinal de derrota que se vai consumindo a ponto de  
converter-se em sinal de beleza no rosto de alguém  
que, precisamente, volve o rosto, e passa...  
Outono é a estação em que ocorrem tais crises,  
e em maio, tantas vezes, morremos.

Para renascer, eu sei, numa fictícia primavera,  
já então espectrais sob o aveludado da casca,  
trazendo na sombra a aderência das resinas fúnebres  
com que nos ungiam, e nas vestes a poeira do carro  
fúnebre, tarde de maio, em que desaparecemos,  
sem que ninguém, o amor inclusive, pusesse reparo.  
E os que o vissem não saberiam dizer: se era um préstito  
lutuoso, arrastado, poeirento, ou um desfile carnavalesco.  
Nem houve testemunha.

Não há nunca testemunhas. Há desatentos. Curiosos, muitos.  
Quem reconhece o drama, quando se precipita, sem máscara?

Se morro de amor, todos o ignoram  
e negam. O próprio amor se desconhece e maltrata.  
O próprio amor se esconde, ao jeito dos bichos caçados;  
não está certo de ser amor, há tanto lavou a memória  
das impurezas de barro e folha em que repousava. E resta,  
perdida no ar, por que melhor se conserve,  
uma particular tristeza, a imprimir seu selo nas nuvens.

**Carlos Drummond de Andrade, Daqui estou vendo o amor  
(antologia)**